



Universidades Lusíada

Neves, Susana
Martins, Emília
Magalhães, Cátia
Mendes, Francisco

Institucionalização, regulação emocional e satisfação com a vida numa amostra de adolescentes portugueses

<http://hdl.handle.net/11067/3505>
<https://doi.org/10.34628/6fpt-bt71>

Metadados

Data de Publicação

2016

Resumo

A literatura evidencia o papel da capacidade de regulação emocional no ajustamento e bem-estar dos indivíduos, i.e., para facilitar a ação nas diferentes situações de vida, de modo adaptativo. Há referências a que crianças e adolescentes institucionalizados mostram falhas na capacidade de regulação emocional que radicam na relação com os progenitores, sobretudo em situações de maus tratos. Analisou-se a regulação emocional e satisfação com a vida em função das variáveis institucionalização, géne...

Palavras Chave

Jovens - Assistência em instituições - Psicologia, Bem-estar - Aspectos psicológicos, Emoções na adolescência

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 07, n. 1-2 (Janeiro-Dezembro 2016)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T09:27:33Z com informação proveniente do Repositório

**INSTITUCIONALIZAÇÃO, REGULAÇÃO EMOCIONAL
E SATISFAÇÃO COM A VIDA NUMA AMOSTRA
DE ADOLESCENTES PORTUGUESES**

Susana Neves

Técnica Superior de Educação Social

Emília Martins

Cátia Magalhães

Rosina Fernandes

Francisco Mendes

ESEV e CI&DETS – Instituto Politécnico de Viseu

Resumo: A literatura evidencia o papel da capacidade de regulação emocional no ajustamento e bem-estar dos indivíduos, i.e., para facilitar a ação nas diferentes situações de vida, de modo adaptativo. Há referências a que crianças e adolescentes institucionalizados mostram falhas na capacidade de regulação emocional que radicam na relação com os progenitores, sobretudo em situações de maus tratos. Analisou-se a regulação emocional e satisfação com a vida em função das variáveis institucionalização, género e idade. Participaram no estudo 47 jovens institucionalizados e não institucionalizados, de ambos os sexos, tendo-se utilizado a versão portuguesa das escalas ERICA e SWLS para avaliar a capacidade de regulação emocional e a satisfação com a vida, respetivamente. A satisfação com a vida não apresentou diferenças significativas em função das variáveis independentes, com médias de 3,17 ($\pm 0,85$) nos masculinos e de 3,49 ($\pm 0,96$) nos femininos; de 3,29 ($\pm 0,90$) nos institucionalizados e 3,33 ($\pm 0,92$) nos não institucionalizados. Não se registaram correlações significativas com a idade. Quanto à regulação emocional, evidenciaram-se diferenças estatisticamente significativas em função do género, na escala total ($U=165,000$; $p=.024$) e subescala Controlo Emocional ($U=177,000$; $p=.045$), favoráveis às raparigas, o que lhes confere uma melhor regulação e controlo emocional, não se evidenciando discriminatória a variável institucionalização (média de $3,40\pm 0,62$ nos institucionalizados e de $3,17\pm 0,28$ nos não institucionalizados). Quanto à idade, não se registam correlações significativas. Os resultados, dissonantes com a literatura na variável institucionalização, exigem um aprofundamento do estudo, quer em termos qualitativos, quer quantitativos.

Palavras-chave: Crianças e jovens, Regulação emocional, Satisfação com a vida, Institucionalização.

Abstract: Literature has highlighted the role of the emotional regulation ability in individual well-being and adjustment, to enhance in an adaptive way different life situations. There is evidence that institutionalized children and adolescents manifest a lack of emotional regulation ability based on the relationship with parents, especially in cases of abuse. The aim was to analyze emotional regulation and life satisfaction depending on institutionalization variable, and also age and gender. Forty-seven institutionalized and non-institutionalized youths from both sexes participated in the study. It was used the Portuguese versions of ERICA and SWLS scales to evaluate emotional regulation ability and life satisfaction respectively. Life satisfaction did not present statistically significant differences by independent variables with averages of 3,17 ($\pm 0,85$) in the case of males, and 3,29 ($\pm 0,90$) in the case of females; 3,29 ($\pm 0,90$) in case of institutionalization and 3,33 ($\pm 0,92$) in non-institutionalized cases. Significant correlations with age have not been found. Relative to emotional regulation, there were significant statistical differences in gender variable, both in the global scale ($U=165,000$; $p=.024$) and emotional control subscale ($U= 177,000$; $p=.045$), favorable for girls which confers them a higher emotional control and regulation, not manifesting as discriminatory the institutionalization variable (mean of $3,40\pm 0,62$ in institutionalized cases and $3,17\pm 0,28$ in non-institutionalized cases). Relative to age there have not

been found significant correlations. These results, dissonant with literature in the institutionalization variable, request more research, both in qualitative and quantitative aspects.

Keywords: Children and adolescents, Emotional regulation, Life satisfactio, Institutionalization.

Introdução

As emoções ocupam um lugar central na vida humana no que diz respeito à otimização da sobrevivência física e psicológica, conferindo vivências próprias e únicas relativas a um determinado acontecimento, quer seja interno ou externo. Assim, a capacidade de regular as emoções na vida diária é fundamental para o funcionamento adaptativo e desenvolvimento psicológico saudável (Gross, Richards, & John, 2006; Gullone & Taffe, 2012). Atualmente, verifica-se um interesse acrescido pelo papel da regulação emocional na adolescência, tanto no desenvolvimento normativo como patológico. Gratz e Roemer (2004) adotam uma concetualização integrativa e multidimensional de regulação emocional que envolve frequência, modulação, consciência, aceitação das emoções positivas e negativas e, conseqüentemente, as estratégias de regulação emocional que permitam agir de forma mais adequada e contextual, bem como em conformidade com um estado emocional consciente.

Segundo Gross (1998), a regulação emocional permite que os “indivíduos influenciem as emoções que têm, quando as têm, como as experienciam e como as expressam” (p. 276). A maioria das definições de regulação emocional engloba a utilização de diferentes estratégias de modificação da expressão das experiências emocionais.

O presente estudo adotou o Modelo Processual da Regulação Emocional de Gross (1998, 1999, 2002). Em síntese, o modelo propõe um processo sequencial com diversas fases. Permite uma visão abrangente da regulação emocional e respetivas estratégias, nomeadamente a reavaliação cognitiva e a supressão emocional utilizadas, implícita ou explicitamente, devido ao seu impacto emocional (Gross & Thompson, 2007). A primeira estratégia remete para um modo de modificação cognitiva, caracterizado pela mudança do significado de um acontecimento com implicações no seu impacto emocional. Deste modo, conduz à diminuição de vivências de emoções negativas, enquanto aumenta a expressão de emoções positivas (Silva & Freire, 2014). A supressão emocional, por sua vez, cria um sentimento de discrepância entre o que foi experienciado e o que o indivíduo mostra aos outros, conduzindo a emoções negativas acerca de si próprio e impossibilitando o desenvolvimento de relações emocionalmente próximas. Também está associada a níveis reduzidos de experiências e expressões emocionais positivas (Gross & Thompson, 2007; Silva & Freire, 2014). Quando comparadas as duas estratégias de regulação emocional, os resultados evidenciam que a reavaliação cognitiva parece

ter maior associação com emoções agradáveis, bem como com a otimização do funcionamento e bem-estar psicológicos.

Relativamente à satisfação com a vida, o conceito refere-se a um julgamento cognitivo que implica uma avaliação global da vida como um todo e não apenas a satisfação com dimensões particulares, tais como, trabalho, saúde e família (Diener, 1994). Os indivíduos reagem de modo diferente perante as mesmas situações e avaliam as suas condições tendo em conta as suas experiências, valores e expectativas (Reverendo, 2011).

Apesar da escassez de literatura, verifica-se consistência nos estudos existentes relativamente à relação entre qualidade da regulação emocional e satisfação com a vida. Segundo Gross e John (2003), conclui-se que as estratégias de reavaliação cognitiva e supressão emocional, quando usadas frequentemente, distinguem-se, a longo prazo, no impacto ao nível da satisfação com a vida. A partilha de experiências positivas contribui para auto percepções positivas sobre si próprio e sobre a sua vida, aumento da autoestima e diminuição dos níveis de emoções negativas (Haga, Kraft, & Corby, 2009; Reverendo, 2011).

A evidência aponta o género feminino como detentor de melhor domínio das emoções negativas (Simões et al., 2003). A literatura revela que a satisfação com a vida não diminui com a idade (Simões et al., 2003). No entanto, a afetividade positiva diminui ligeiramente e a afetividade negativa mantém-se estável. No que diz respeito à institucionalização, os estudos referem valores elevados de satisfação com a vida nos jovens institucionalizados (Dell'Aglio, 2010). Este efeito poderá ser consequência das circunstâncias e condições de vida atuais na instituição, assim como do afastamento dos motivos e distanciamento da realidade familiar que conduziram à condição de institucionalizados.

Objectivo

A literatura tem vindo a sugerir que os adolescentes vivem as emoções de uma forma mais intensa relativamente às crianças e aos adultos, o que pode estar relacionado com a percepção de satisfação com a vida. Neste sentido, o presente estudo pretende analisar a regulação emocional e satisfação com a vida em adolescentes institucionalizados e não institucionalizados.

Metodologia

Amostra

Utilizou-se uma amostra de conveniência pertencente à população de jovens entre os 12 e os 18 anos do distrito de Viseu, que ficou constituída por 47 jovens com idade média de 15,81 anos ($\pm 1,454$), entre os quais 27 (57,4%) institucionalizados e 20 (42,6%) não institucionalizados. Na subamostra de jovens institucionalizados, 9 (33,3%) são do género feminino e 18 (66,7%) do género masculino. Quanto aos não institucionalizados, 11 (55%) são do género feminino e 9 (45%) do género masculino.

Instrumento

Os dados relativos à regulação emocional e satisfação com a vida foram recolhidos com recurso às escalas *Emotion Regulation Index for Children and Adolescents* (ERICA) e Escala de Satisfação com a Vida (*Satisfaction With Life Scale* – SWLS), cuja adaptação e validação para população portuguesa foi realizada, respectivamente, por Reverendo e Machado (2010) e Simões (1992). A ERICA é uma medida de autorrelato que avalia a qualidade da regulação emocional em crianças e adolescentes dos 9 aos 16 anos, a partir de 16 itens em escala de *Likert* (5 graus de concordância), distribuídos por três subescalas: controlo emocional (9 itens), autoconsciência emocional (3 itens) e responsividade situacional (4 itens). A versão portuguesa da SWLS compreende 5 itens, igualmente em escala de *Likert*, obtendo-se a pontuação final através da média aritmética das respostas.

Procedimentos

A recolha de dados, por aplicação direta, foi realizada por técnicos de ação social, tendo-se a preocupação de uniformizar instruções e procedimentos de administração, em duas instituições de acolhimento (uma feminina e uma masculina), bem como em grupos de convívio paroquiais, entre fevereiro e março de 2015. Garantiram-se todos os pressupostos éticos, respeitando o protocolo de Vancouver, pelo que apenas responderam os jovens que regularizaram a situação de consentimento informado.

Resultados

Encontraram-se diferenças significativas de género ($p \leq 0.05$), tanto no score global da escala ERICA como na subescala Controlo Emocional, favoráveis às raparigas, conferindo-lhes melhor regulação e controlo emocional (Tabela 1). A melhor qualidade feminina na regulação emocional tem sido evidenciada por diversos autores (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007; Silk, Steinberg, & Morris, 2003), o mesmo não acontecendo relativamente à satisfação com a vida. Simões et al. (2003) referem que o efeito de género no bem-estar subjetivo é inexistente.

Tabela 1. Teste Mann-Whitney em função do género

ERICA	Escala Total	CE	ACE	RS	SWLS
U de M-W	165.000	177.000	211.000	220.500	224.500
Z	-2.263	-2.008	-1.286	-1.079	-.984
p	.024	.045	.198	.281	.325

No que se reporta à variável institucionalização (Tabela 2), não se obtiveram diferenças significativas em nenhuma das escalas ou subescalas, corroborando a literatura na satisfação com a vida, entre jovens institucionalizados e não institucionalizados, destacando a capacidade das instituições em proporcionar condições promotoras de bem-estar e satisfação com a vida (Dell’Aglío, 2010). Não obstante, Robinson et al., 2009 (cit. por Afonso, 2014) constataram lacunas consideráveis na capacidade de regulação emocional em crianças e adolescentes institucionalizados, que experienciaram episódios de maus-tratos, atribuíveis à ausência de afetos, educação rígida e muita instabilidade na relação com os progenitores.

Tabela 2. Teste Mann-Whitney em função da institucionalização

ERICA	Escala Total	CE	ACE	RS	SWLS
U de M-W	226.500	230.000	236.500	245.500	262.000
Z	-.937	-.864	-.730	-.534	-.173
p	.349	.388	.465	.593	.863

A idade não surgiu correlacionada com nenhuma das escalas utilizadas (Tabela 3), o que vem ao encontro de outros estudos relativos à realidade portuguesa. Reverendo (2011, cit. por Bravo, 2012) afirma que a idade não se mostrou discriminadora da qualidade da regulação emocional e Simões et al. (2003) referem que o bem-estar, ou não se apresenta correlacionado com a idade ou as correlações são baixas.

Tabela 3. Correlações em função da idade

			ERICA	CE	ACE	RS	SWLS
rho de Spearman	Idade	Coeficiente de Correlação	.121	.190	.022	.002	.095
		p	.420	.200	.885	.989	.526
		N	47	47	47	47	47

Conclusões

A mudança do foco da investigação das emoções negativas, tão frequentes nos estudos empíricos, para as emoções positivas e proficiência dos indivíduos na regulação das respostas emocionais, tem-se traduzido, nas últimas décadas, pelo interesse no estudo da regulação emocional e a satisfação com a vida. Salientamos a importância da regulação das emoções na dupla vertente de experiência e expressão emocional. No que se refere à satisfação com a vida, a sua avaliação é subjetiva, enquanto reflexo das expressões individuais, positivas ou negativas, em função de critérios próprios relativos a influências e domínios específicos, como

saúde, trabalho, condições de vida, relações sociais e outros. Os resultados aqui obtidos, pese embora as limitações decorrentes das características da amostra, traduzem melhor capacidade feminina de regulação emocional, sem evidências diferenciadoras atribuíveis à idade e institucionalização. A satisfação com a vida apresenta-se como independente do género, institucionalização e idade. Porém, a literatura sugere que a influência da institucionalização poderá ser mediada por maus tratos anteriores e má qualidade da relação com os progenitores. Nesse caso, a hipótese de uma maior facilidade de compensação institucional, a curto e médio prazo, no que se refere à satisfação com a vida, por comparação com a regulação emocional, parece apresentar-se como interessante de testar.

Independentemente de variáveis sociodemográficas e/ou institucionais que possam estar associadas a estes constructos, é consensual a sua imprescindibilidade na compreensão do desenvolvimento adaptativo e psicopatológico, justificando um investimento no seu estudo.

Referências

- Afonso, S. A. T. (2014). *Processos de resiliência, regulação emocional e perspetiva temporal: um estudo comparativo sobre adolescentes institucionalizados vítimas de maus-tratos familiares* (dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorio.uportu.pt/jspui/handle/11328/938>
- Bravo, A. M. S. D. (2012). *Regulação Emocional em Crianças com Comportamentos Escolares Disruptivos* (dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13753/1/Disserta%C3%A7ao%20Angela%20Bravo.pdf>
- Dell'Aglio, D.D. (2010). Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação com a Vida e Rede de Apoio Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (3), 407-415. Obtido de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98913/000822473.pdf?sequence=1>
- Diener, E. (1994). Assessing subjective well-being: Progress and opportunities. *Social Indicators Research*, 31, 103-157.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 36, 41-54.
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, 2 (3), 271-299.
- Gross, J.J. (1999). Emotion and emotion regulation. In L.A. Pervin, & O.P. John (Eds.), *Hand- book of personality: Theory and research* (2nd ed., pp. 525-552). New York: Guilford.
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, 9, 281-291.
- Gross, J.J. & John, O.P. (2003). Individual differences in two emotion regulation

- processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 348-362.
- Gross, J., Richards, J., & John, O. (2006). Emotion Regulation in Everyday life. In D.S.J. Simpson e J. Highes (Ed.), *Emotion Regulation in Families: Pathways to dysfunction and health*. Washington DC: American Psychology Association.
- Gross, J. & Thompson, R. (2007). Emotion Regulation: Conceptual Foundation. In J. Gross (Ed.), *Handbook of Emotion Regulation* (pp. 3-24). New York: The Guilford Press.
- Gullone, E., & Taffe, J. (2012). The Emotion Regulation Questionnaire for Children and Adolescents (ERQ-CA): a psychometric evaluation. *Psychological Assessment*, 24, 2, 409-417.
- S. Haga, S., P. Kraft, E. Corby (2009). Emotion Regulation: Antecedents and Well-Being Outcomes of Cognitive Reappraisal and Expressive Suppression in Cross-Cultural Samples. *Journal of Happiness Studies*, 10, 271-291.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16, 361-388
- Reverendo, I. M. (2011). *Regulação emocional, satisfação com a vida & percepção da aceitação - rejeição parental: estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do Emotion Regulation Index for Children and Adolescents (ERICA)* (dissertação de mestrado). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/18199>
- Silk, J. S., Steinberg, L., & Morris, S. A. (2003). Adolescents' emotion regulation in daily life: Links to depressive symptoms and problem behavior. *Child Development*, 74, 1869-1880.
- Silva, E., & Freire, T. (2014). Regulação emocional em adolescentes e seus pais: Da psicopatologia ao funcionamento ótimo. *Análise Psicológica*, 2 (XXXII), 187-198. Obtido de http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3220/1/2014_2_187.pdf
- Simões, A., Ferreira, J., Lima, M., Pinheiro, M., Vieira, C., Matos, A., & Oliveira, A. (2003). O bem-estar Subjetivo dos adultos: Um estudo transversal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 37 (1), 5-30.